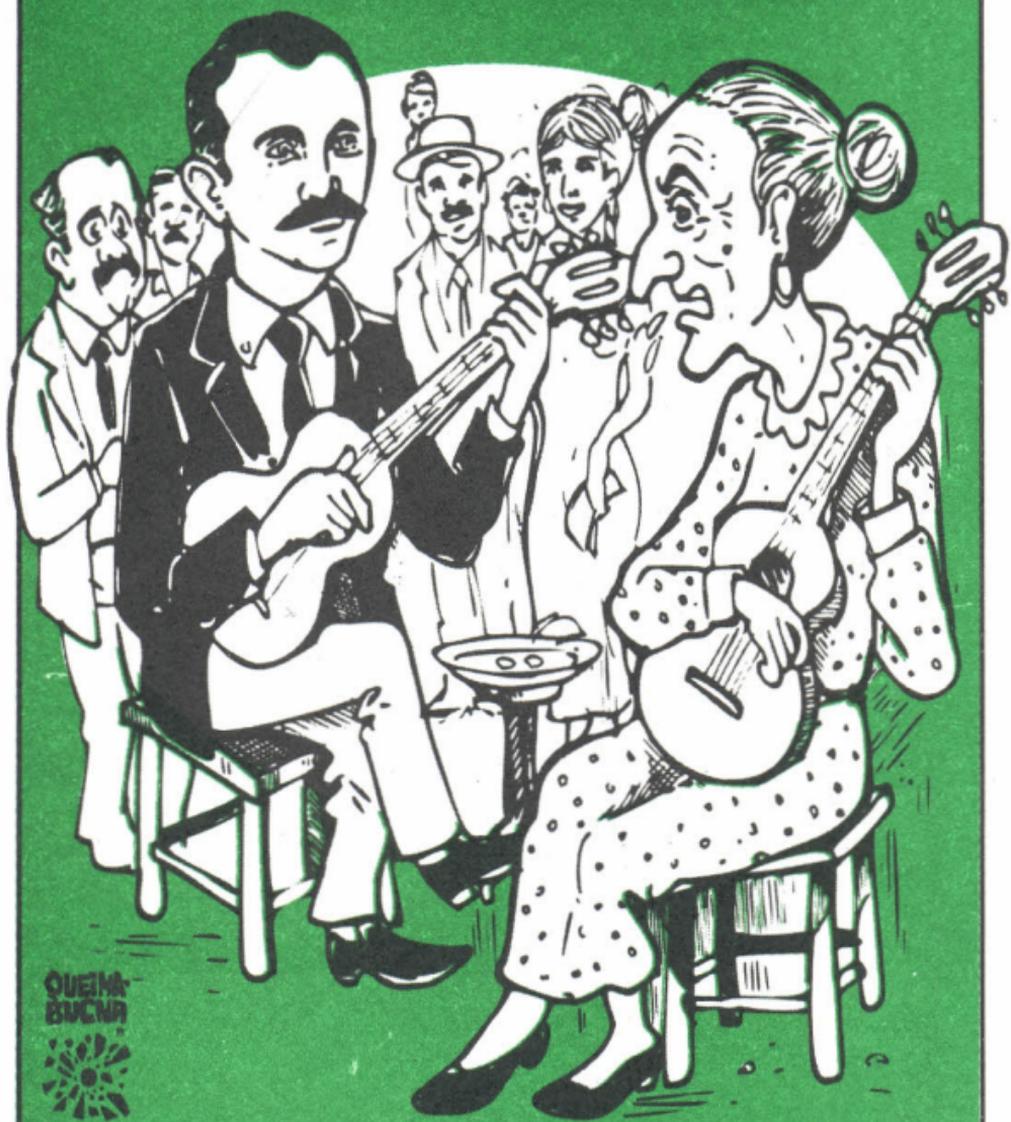


LEANDRO GOMES DE BARROS

DISCUSSÃO DE
LEANDRO GOMES
COM UMA
VELHA DE SERGIPE





Editora Queima-Bucha
Leandro Gomes de Barros



DISCUSSÃO DE LEANDRO GOMES COM UMA VELHA DE SERGIPE

Eu ainda estava orelhudo
Com esses versos que faço,
Porque nunca achei poeta
Que me fizesse embaraço
Porém uma velha agora
Quase me quebra o cachaço!

A velha me fez subir
Onde nem urubu vai
Andei numa dependura
Já estava cai ou não cai
Ainda chamei tio a gato
Tratei cachorro por pai.

Quando partiu foi babando
O corpo vinha tremendo
Antes de dar boa noite
De longe foi me dizendo:
– Amigo eu venho metê-lo
Entre um quente e dois fervendo!

Eu sei que o senhor é duro
Eu cá sou da mansidão
Porém só pode salvar-se
Se eu lhe der a certidão
Pois o boi na terra alheia
Até as vacas lhe dão.

Eu andava a negócios
No Estado de Sergipe
Uma noite me hospedei
Na casa de um tal Felipe
Onde havia uma velha
Da Serra do Araripe.

Disse-me o dono da casa:
– Eu aqui tenho um colosso,
Uma poetisa velha
Que dá em poeta moço
Quem faz versos nesta terra
Hoje está comendo grosso.

Eu disse: – Senhor Felipe
Garanto à vossa mercê
Que neste planeta terra
Não há mulher que me dê
O velho olhou para mim
E perguntou-me: - Por quê?

Eu disse: – Digo-lhe já!
Moleque não me dá vaia
Parola não me intimida
Nem pabulagem me ensaia
E nas unhas de Leandro
Não há duro que não caia.

Disse o velho: – Sr. Barros
A velha é prova de fogo,
Discute com qualquer um
E não precisa de rogo.
Eu disse: - Traga ela cá
A boca é quem faz o jogo!

O velho Felipe disse:
- Venha cá, dona Manhosa,
Se apronte para ver
A questão mais perigosa
A velha de lá soltou
Uma risada gostosa.

A velha disse: - Já vou!
E com pouco mais saiu,
Então chegando na sala
Torceu a cara e cuspiu
Sentou-se num banco velho
Tomou tabaco e tossiu.

Eu quando vi a marmota
Alta, seca e carrancuda,
Fitar-me uns olhos cinzentos
Se conservando sisuda
Eu disse com meus botões:
- Não há santo que me acuda!

Então perguntou ali:
- Felipe, pra quê me quer?
Chamou-me com tal vexame
Que nem me aprontei, sequer!
- Para mostrar ao escritor
O peso de uma mulher.

A velha cravou-me a vista
E fez um cacarejado
Olhou-me de baixo acima
Botou os quartos de um lado
Rosnou e partiu pra mim
De chapéu de sol armado.

Chegou e disse: – Sr. Barros
Eu desejava encontra-lo,
Porque, pelos seus escritos
Não deixo de censura-lo,
Só quem não tem consciência
Deixará de criticá-lo.

Eu disse: – Minha senhora,
São os revezes da sorte.
O gênio tem dois destinos:
Um é fraco e outro é forte
Uns blasfemam contra vida
Outros aplaudem a morte.

Perguntou ela: – Por quê
Fala o senhor da mulher?
Não aprendeu desculpar
As faltas que uma tiver?
Nem a sua própria mãe
Você não tira, sequer.

Respondi: – Minha senhora
Isto não quer dizer nada,
Eu não falo sobre a honra
De uma donzela ou casada
Digo apenas, a mulher
É uma carga pesada.

Ela suspirou e disse:
– Fique certo meu amigo
Que para qualquer mulher
Casamento é um perigo
Casar-se com certos homens
Não dá-se maior castigo.

Eu disse a ela: – Colega
Você pode calcular,
Uma mulher fica em casa
O homem vai trabalhar
Com o suor do seu rosto
Ganha pra ela estragar.

A velha disse: – Não há
Marido sem mau costume
Quando não é cachaceiro
É vadio e tem ciúme
Nestas condições assim
Não há mulher que se arrume.

Eu disse: – Minha senhora
O homem é um inocente
Trabalha para família
Até prostrar-se doente
Ela que fica em casa
Estraga danadamente.

Sai logo de madrugada
Vai ao campo trabalhar,
A mulher fica deitada
Sem nada a incomodar
De nove para dez horas
É que vai se levantar.

A velha diz: – Isto assim
É coisa que não convém,
Quem trabalha o dia inteiro
Há de descansar também
A mulher não é de ferro
Nem escrava de ninguém.

– A senhora fique certa
O que digo é com razão,
A mulher geme sem dor
E gasta sem precisão,
Casamento para o homem
É asquerosa prisão.

Disse a velha: – Meu senhor,
Não há marido que sirva.
Por melhor que a mulher seja
Trabalhadora e ativa
Ele traz a vista nela
É capaz de a comer viva.

Eu disse: – Minha senhora,
Marido nenhum faz isto...
Sacrificar-se por ela
Isso é caso claro e visto
Ela diz com seus botões:
– Carrega o madeiro, Cristo!

Disse a velha: – Vossa mercê
Não parece ser casado
Se achou mulher que caísse
Eu lamento o seu estado,
Com também me parece
Que o senhor foi enjeitado.

Eu aí pensei um pouco
E disse com meus botões:
Essa cabra velha tem
Miseráveis expressões
Agora me deu o título
De filho de dez tostões...

Disse a velha: – Por quê acha
Pesado assim a mulher,
E diz que é um animal
Que nele não há mister,
Só por ela lhe pedir
O que em casa não tiver?

Levanta que a mulher pede
Verdura, fruta e toucinho
Banha, massa e tomate
Alho, pimenta, cuminho,
Se não pedir ao marido
Há de pedir ao vizinho?

O senhor diz que a mulher
De todas formas atrasa,
Porque o pires quebrou-se
O bule largou a asa,
A chaleira está velha
No fogo se fura e vasa.

Não querendo essa despesa
Procure um jeito qualquer,
Faça de uma cuia um prato
E de um espeto talher,
Deixe de comprar fazenda
Viva nu com a mulher!

Eu disse dentro de mim,
Oh! Que serpente assanhada,
Qual seria o cascavel
Que pariu essa danada?
Fiz logo o sinal da cruz
Disse: – *Vôtes*, excomungada!

Lhe disse: – A senhora sabe
Que a mulher é uma cruz,
E sofre mais do que Cristo
O marido que a conduz,
É um cego no deserto
Vaga sem guia e sem luz.

Disse ela: – E a mulher,
A que ponto vem chegar?
Haverá maior sentença
Do que uma se casar?
Só ela pensa no genro
Que a mãe tem que suportar.

Eu disse: – Minha senhora
Ainda não ouvi dizer
Que um genro neste mundo
Fizesse a sogra sofrer,
Só esse nome de sogra
Já faz qualquer um tremer.

A velha disse: – O senhor
É muito livre em falar
Põe defeito em quem criou
Uma filha pra te dar,
Você agradece tanto
Que paga em maltratar.

O senhor chora a despesa
Que com a família tem,
Para quê foi se casar?
Não o obrigou ninguém,
A mulher está na razão
De fazer queixas também.

Ele vai para o trabalho
Volta a hora que quiser,
Deixando com que em casa
Possa ordenar a mulher
E escolher na cozinha
A comida que quiser.

Vem cansado, chega em casa
Deita-se e vai descansar,
Ela vai para a cozinha
Fazer almoço ou jantar,
Depois que a mesa está posta
A mulher vai lhe chamar.

Acorda-o com muito jeito
Trata-o com muito carinho,
Diz: – O jantar está pronto,
Vamos jantar meu neguinho,
Eu esperei por você
Você não janta sozinho!

Me diga agora, senhor,
O que quer que a mulher faça?
Além de criar família
Suportar essa desgraça:
Ter um marido vadio,
Que joga e bebe cachaça...

Quando é fim de semana
Vai o homem fazer feira,
Gasta o dinheiro das compras
No jogo e na bebedeira
A mulher passando em casa
Com fome a semana inteira.

Porque ele não traz nada
A pobre infeliz não come,
Se os pais não morassem perto
Ela morria de fome
Pois o marido só trouxe
Cachaça, empurrão e nome!

Eu perguntei: – E a senhora,
Teve em algum tempo marido?
– Tive quatro, disse ela,
Cada qual mais atrevido,
Ainda dou graças a Deus
Eles já terem morrido!

Eu disse: – Minha senhora
Eu quero lhe confessar,
Infeliz de um desses quatro
Que chegasse a escapar,
O sofrimento de todos
Qualquer pode calcular.

Ela disse: – Sim senhor!
No brando o senhor se estende,
Não venha com panos mornos
Aonde tem quem entende,
Quem por si julgar a mim
Já vê que assim não me ofende.

Eu não fui tão mal casada
Com o senhor está pensando
Tive poucas desavenças
Sempre estava tolerando
Tive muita paciência,
Meu gênio sempre foi brando.

Mas meu primeiro marido
Fez-me ademais esta assim:
Para casar-se com outra
Tencionava me dar fim
O segundo envenenou-me
E não era o mais ruim.

O terceiro desgostoso
Por eu não ser muito alva
Dizia sempre por fora
Que eu o envergonhava
Sabe o que fez certa vez?
Quis vender-me como escrava.

O quarto era um homem sério
Dizia ser bom marido,
Este só faltou fazer-me
Beber chumbo derretido
Roubou-me para jogar
Sapatos, chalé e vestido.

E assim mesmo o senhor
Só se refere à mulher,
Contar as faltas do homem
Isso o senhor não quer
Eu como tenho lembrança
Digo tudo o que um tiver.

Eu disse: – Vossa mercê
É uma fera no campo,
Bafejo da sua boca
Onde bater tira o tampo
Seu pensamento é o cólera
E sua língua o sarampo.

Disse a velha: – Sim, senhor!
Você gosta de ferir
Agrava a quem não lhe ofende
E pode até lhe servir
É desses que quer dizer
Porém não gosta de ouvir.

Então eu lhe perguntei:
– Já acabou de falar?
– Não, principiei agora
Ainda tenho o que contar,
Eu sou velha neste mundo
Não ando por ver andar.

Eu disse: – Também sou velho
Sou corrido e traquejado
Eu tenho visto as misérias
Que no mundo tem se dado
E milhares de mulheres
As manhas têm me ensinado.

Uma mocinha solteira
Dana-se para namorar
Com medidas e carinhos
Faz o homem se enlevar
Para iludi-lo, chora
E sorri para o matar.

A mulher é o objeto
A quem eu quero mais bem
Não há quem conte as maldades
Que a mulher consigo tem
Todos acreditam nela
Ela não crê em ninguém.

Então a velha me disse:
– O homem é malicioso
Entre os homens verdadeiros
Tira-se o mais mentiroso
Cheio de sofismações,
Impuro e pecaminoso.

Quando a velha se calou
Que deu-se fim à contenda
Eu disse: – Só no inferno
Se achará desta fazenda
Foi o diabo, sem dúvida,
Que mandou-me esta encomenda.

Eu ainda não tinha achado
Quem fizesse eu me calar
Mas a danada da velha
Fez até eu me engasgar
Botou-me em cantos tão feios
Que eu julguei não voltar.

Quando foi no outro dia
Arrumei-me, fui embora,
Com medo que a tal serpente
Tornasse a vir cá fora
E jurei não voltar mais
Aonde o tal diabo mora.

FIM



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).